

A IGREJA NA CIDADE

J. B. Libanio

1. O quadro urbano

A cidade é o campo experimental privilegiado para os avanços da modernidade. É verdade que hoje, pela via da mídia e pela força do efeito-demonstração, eles ultrapassam qualquer barreira geográfica. No entanto, a cidade concentra em si a quintessência da realização da modernidade. Nela, por primeiro, chegam os efeitos modernizantes.

Qualquer reflexão sobre a cidade passa necessariamente por um mínimo de compreensão das tendências da modernidade avançada e sua presença nela. A modernidade, rio sem margem, espraia-se indefinidamente.

Impõe-se escolha criteriosa dos elementos absolutamente indispensáveis e fundamentais para a inteligência da complexidade teológico-pastoral da cidade moderna num país de 3º Mundo.

Tanto mais difícil se apresenta essa tarefa quanto mais setorizados e abundantes são os estudos sobre a cidade moderna. Além do mais, a relevância da pastoral urbana vai além do simples fato de que no Brasil 75% de sua população habitam em cidades. A cidade transformou-se no "locus regulador" da vida rural, desde o horário de dormir e acordar até os valores mais profundos. Pensar a pastoral urbana é pensar a pastoral na sua totalidade. A urgência da tarefa impõe-se também por causa do descompasso entre as céleres transformações urbanas e a lentidão rural de nossas pastorais. Necessita-se apressar muito o passo da pastoral para alcançar o batalhão avançado da cidade.

Traços fundamentais da modernidade urbana

As nossas cidades são reguladas pelo sistema econômico capitalista de crescente tendência neoliberal. Alguns aspectos marcam-nas profundamente. A bandeira neoliberal afirma a centralidade do mercado e a restrição da intervenção do Estado'. Com isso, tem acontecido maior concentração de capital e conseqüente aumento da exclusão. Acrescente-se a célere modernização das empresas industriais e dos serviços por obra e graça da informatização a gerar crescimento do desemprego. Some-se ainda o êxodo rural e temos o fenômeno do inchamento e da favelização das cidades com a degradação da vida humana. As cidades não têm condições, em absoluto, de suportar tamanho número de pessoas desempregadas sem que isso produza longo rosário de efeitos perversos.

O impacto do regime político da democracia formal sobre os habitantes da cidade é ambivalente. De um lado, arranca as pessoas do clientelismo e coronelismo personalista do interior. Submete-as a outro jogo de interesses, ligados diretamente a cada caso nas diversas eleições. A dimensão de fidelidade, própria dos currais eleitorais, desaparece para entrar-se no balanço das barganhas ocasionais. Permanece, sim, a mesma política do receber benefícios em troca do voto.

Por outro lado, a cidade permite maior conscientização já que as ofertas se diversificam e são plurais. Há espaço para a escolha. Onde se escolhe, entra já um mínimo de consciência crítica.

Ainda sob o aspecto político, a cidade oferece maiores possibilidades para o impacto da mídia e dos showmícios (comícios à base de shows). Desloca, portanto, o critério do conhecimento pessoal do político para a apreciação de sua imagem mediática. Numa palavra, escolhe-se e vota-se, não em partidos ou pessoas, mas em suas respectivas imagens.

No âmbito cultural, a modernidade impacta as pessoas sob diversos ângulos. Os analistas sociais e filósofos acentuam os mais diferentes aspectos. J. L. Segundo opõe uma sociedade tradicional da totalidade da cultura recebida, do domínio das relações primárias, fechada e protegida, ligada à natureza, a uma sociedade moderna em mudança, cuja totalidade se rompe pela especialização e pela perda das raízes, de relações secundárias, aberta e entregue às decisões pessoais, exigente e obra do homem.

¹ L. DE SEBASTIÁN, *El neoliberalismo. Argumentos a favor y en contra*, in: E. Rojo, L. DE SEBASTIÁN, ET ALII, *El neoliberalismo en cuestión*, Barcelona / Santander: Cristianisme i Justícia / Sal Terrae, 1993, 21ss.

² J. L. SEGUNDO, *Ação Pastoral Latino-americana: Seus motivos ocultos*, São Paulo: Loyola, 1979, 7-23.

P. Valadier acentua na sociedade moderna a deliberação, a busca do consenso, a discussão, a pesquisa, porque não se lhe conhecem a priori as regras de funcionamento, os valores ordenadores, a instância reguladora do conjunto social. Por isso, uma sociedade pluralista, democrática, autocrítica e permanentemente instável.

Em outro texto, P. Valadier refere-se à modernidade na sua capacidade crítica da própria tradição e da conquista da natureza pela razão científica'.

Numa análise filosófica mais profunda, H. Vaz relaciona a idéia de modernidade ao surgimento da consciência histórica, que consegue perceber a novidade (moderno vem do advérbio latino "modo" = há pouco, recentemente) qualitativa do presente que se impõe em relação à tradição, ao passado. O presente compreende e julga o passado, rompendo a monotonia do tempo mitológico. O tempo é vivido como histórico. A modernidade é uma categoria de leitura do tempo histórico, quando este é entendido filosoficamente, é captado no conceito. Tal processo remonta ao nascimento da filosofia grega (séc. VI a.C), quando a razão, como ciência, ocupa o centro simbólico da civilização helênica. Haverá tantas modernidades "quantas forem as formas da Razão, filosoficamente configuradas, que ocuparem o centro do sistema da cultura".

Na "modernidade moderna", que ocupa nossa reflexão, a subjetividade desponta, desligada das amarras da antiga imagem do mundo, fixa e de "eterno retorno", possibilitada pelo desenvolvimento das ciências experimentais, permitindo assim ao ser humano maior domínio da natureza",

Ela desenvolve os três discursos fundamentais da razão, da felicidade e da liberdade", marcando profundamente o ethos cultural do homem e da mulher em oposição aos dogmatismos, a uma pregação da renúncia e aos autoritarismos.

A modernidade é também definida como a "civilização do trabalho", não no sentido de que antes não se trabalhasse, mas no de que o trabalho adquire nova qualidade, ao submeter-se aos imperativos da modernidade da felicidade e da razão".

³ P. VALADIER, *Catolicismo e sociedade moderna*, São Paulo: Loyola, 1991, 30-32.

⁴ P. VALADIER, *Essais sur la modernité, Nietzsche et Marx*, Paris: Cerf-Desclée, 1974.

⁵ H. CL. DELIMAVAZ, Religião e modernidade filosófica, *Síntese Nova Fase* 18, n. 53 (1991) 151.

⁶ H. VAZ, *Ontologia e História*, São Paulo: Duas Cidades, 1968, 201-280, 299-340.

⁷ J. COMBLIN, *A força da Palavra*, Petrópolis: Vozes, 1986, 198-213.

⁸ J. COMBLIN, *O tempo da ação. Ensaio sobre o Espírito e a História*, Petrópolis: Vozes, 1982, 219-267 .

Numa perspectiva teológico-pastoral, o traço mais importante da modernidade é sua centração no indivíduo. Não se trata de discutir se o individualismo é causa ou efeito da modernidade. Ele cunha, com seu molde próprio, a modernidade. A pós-modernidade reforça-o ainda mais, em vez de criticá-lo, como acontece em relação a outros traços da modernidade.

O individualismo triunfante

Se se entende por ideologia um sistema de idéias e valores que vige em dado meio social, "a ideologia moderna é individualista - sendo o individualismo definido sociologicamente do ponto de vista dos valores globais. Mas trata-se de uma configuração, não de um traço isolado, por mais importante que seja". Por isso, é o "individualismo a configuração ideológica moderna?". Individualismo que lança suas raízes bem longe no mundo ocidental.

Pesquisa realizada nos dez países mais ricos da Europa confirma essa tese do individualismo". Constatou-se como valor central a "própria pessoa", noutras palavras, o indivíduo sob o ângulo da busca da felicidade. Em torno dessa realidade giram as próprias instituições. São tanto mais valorizadas quanto mais protegem o indivíduo no alcance de seu prazer e gozo. Esse gozo realiza-se na satisfação das necessidades, especialmente familiares. Família se entende, não no sentido tradicional, mas antes como "casal", de modo que um seja satisfação para o outro e continuem ambos sendo casal enquanto forem motivo de satisfação mútua, no desejo de "que seja infinito enquanto dure" ¹¹.

Esse dado primordial, esse elemento central, essa característica filosófico-cultural importante da modernidade, a saber, a auto-referência, a subjetividade individual torna-se categoria de compreensão e decisão. Por mais antiga que esta categoria exista na tradição ocidental, na modernidade desponta de maneira explícita, forte, avassaladora.

Mais. Entre os sintomas da pós-modernidade, numa continuidade e novidade em relação à modernidade, emerge, mais uma vez, o indivíduo, agora, como ser ainda mais ativo, na dimensão pequena, local, do cotidiano. O consumismo, a permissividade moral, o

⁹ L. DUMONT, *O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*, Rio de Janeiro: Rocco, 1985, 21.

¹⁰ J. STOETZEL, *Les valeurs du temps présent: une enquête européenne*, Paris: PUF, 1983.

¹¹ VINICIUS DE MORAES, *Soneto de fidelidade*, in: *Poesia completa e prosa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1966, 183.

relativismo de normas espelham esse exacerbamento doentio do indivíduo. Ele assume, às vezes, formas corporativas, não tanto por causa da verdadeira dimensão social do outro, do bem-comum, mas por razão do interesse de cada indivíduo. Este se vê obrigado a unir-se para impor seus interesses restritos e pequenos.

No centro das megatendências

Depois de estudar as nove megatendências desse final de século, J. Naisbitt - P. Aburdene apontam como décima e última: "O triunfo do indivíduo se transformará no grande tema de discussões no final do século XX. Os indivíduos se tornarão mais poderosos do que nunca na passagem para o próximo milênio".

E terminam o elenco das 10 megatendências nos seguintes termos: "O reconhecimento do indivíduo é o fio condutor que une todas as tendências descritas neste livro"¹². O jogo reforçador do individualismo se acentua tanto mais quanto mais a tendência futura da economia exige pessoas criativas e empreendedoras. Conta-se cada vez menos com a força coletiva, já que a informatização crescente está a reduzir os contingentes de trabalhadores nas grandes empresas. Gigantescos empórios subdividem-se e demitem milhares e milhares de empregados, confiando mais na capacidade inovadora dos que permanecem. Ora, tal capacidade desenvolve-se à medida que a educação estimule, ao máximo, a iniciativa individual".

O sistema de retribuição tende também a individualizar os salários por meio de bônus, ações da empresa, participação dos lucros conforme as contribuições individuais e afasta-se de um sistema uniforme de remuneração.

As possibilidades da informatização permitem também que os produtos com menos gastos e que não rompem a produção em escala satisfaçam as exigências e até os caprichos de cada indivíduo. Com mínima correção de informação uma máquina pode produzir no final manufaturados diferentes e personalizados. A "personalização" do freguês faz parte do marketing produtivo. Ela nada mais é que um reforço do individualismo.

No mundo da economia, cada vez mais o indivíduo -está no início da produção e na ponta do produto. Se a tendência do aumento da relevância econômica das pequenas e microempresas se confirmar, a função do indivíduo crescerá. Pois quanto menor uma empresa, mais

¹² J. NAISBITT - P. ABURDENE, *Megatrends 2000*, São Paulo: Amanakey, 1990.

¹³ PEDRODEMO, Pobreza e política de educação, *Revista de Educação AEC* 24 (1995) 9-40.

ela depende de cada indivíduo. A massificação da primeira revolução industrial cede lugar para a personalização da Terceira Onda ¹⁴.

Se outra tendência se efetivar, que vem recebendo o nome de "toyotismo", as empresas funcionarão cada vez menos a partir de execução em série de uma atividade anteriormente treinada - taylorismo, fordismo -, para organizarem-se em pequenos grupos de decisão. Assim uma empresa será muito mais uma rede interligada de grupos criativos com projetos sempre em devir que uma caserna executora de ordens superiores.

À medida que a internet se estender, os indivíduos poderão participar das informações de todo o mundo e transmitir as que queiram, independentemente dos imensos poderes da comunicação.

Se se impuser a tendência de que a sociedade do futuro atribuirá ainda mais importância ao lazer e às artes, o indivíduo terá ainda outro reforço. Em nenhum outro lugar mais que na arte exerce a obra criativa do indivíduo.

Se a sociedade do futuro se transformar cada vez mais num reino das experiências espirituais; do pluralismo das formas religiosas, das reivindicações dos direitos de cada um, da consciência do próprio valor, da concorrência acirrada, o peso cairá cada vez mais sobre o indivíduo.

Quanto mais plural é uma sociedade, quanto mais ofertas de possibilidades houver nela, quanto mais os meios da alta tecnologia forem disponíveis a qualquer pessoa, tanto mais se requererá do indivíduo mais liberdade, competência, criatividade, capacidade de escolha.

Caracterização do individualismo moderno e pós-moderno

Com o mesmo termo, cobrem-se realidades diversas. Individualista era a concepção de salvação dos pregadores das missões populares, quando insistiam na máxima "Salva a tua alma!" Mas quem acolhia tal pregação, fazia-o dentro de uma tradição religiosa de uma instituição. Acreditava nela e não na sua própria opinião ou experiência. Era um "individualismo" situado dentro de uma coletividade. _

Individualista, já noutro sentido, mostram-se o homem e a mulher desde o início da modernidade moderna, ao colocarem sua experiência como critério de verdade, de decisão. Já não aceitam as verdades e os critérios porque uma autoridade, uma instituição, uma tradição

•• A. TOFFLER, *A terceira onda*, Rio de Janeiro: Record, '1980.

lhes transmite ou impõe. Alimentam-se de uma ética do instante e da urgência, numa sociedade fragmentada, complexa e voltada para a inovação".

Individualista mais ainda revelam-se o homem e a mulher pós-modernos", Como vimos nas megatendências, o indivíduo transformou-se no pivô do mundo econômico, político, sócio-cultural e religioso do final de milênio.

Este individualismo tem duas faces. Uma que preocupa, outra que anima; uma plenificante, outra degradante. Na sua face negativa, preocupa-nos o individualismo pela exclusão e falta de solidariedade com os mais pobres e marginalizados, pessoas e povos. Aterroriza-nos um individualismo fragmentado, que deixa as pessoas desorientadas, sem vínculos e compromissos com os outros, sem pontos de referência, sem valores absolutos, sem significado para viver, remetendo-se a si como instância última e absoluta. Por isso, um indivíduo que passeia num vazio total, exceto ele mesmo. Narcisista, frágil, sente enorme dificuldade para situar-se questionadoramente diante de uma instância de alteridade". Vive-se um individualismo, "cujo princípio poderia definir-se como segue: cada um tem o direito de organizar sua própria vida em função daquilo que julga verdadeiramente importante e válido" ¹⁸.

Ainda não sabemos medir, por ser extremamente recente, o alcance do "individualismo eletrônico", em suas diversas manifestações. Na infância, crianças passam horas e horas a brincar na solidão dos videogames em vez dos jogos de equipe. No trabalho, o computador substitui as pessoas de modo que se "conversa" mais com eles do que com seres humanos. Nas famílias, a mídia interpõe-se entre os membros, separando-os uns dos outros na multiplicação de aparelhos e programas vistos isoladamente conforme os próprios gostos. Ou, em grau extremo, membros da mesma família que preferem morar sozinhos e comunicarem-se normalmente através dos celulares, rarefazendo, ao máximo, os contatos pessoais.

O indivíduo está a perder as orientações, as hierarquias, as tradições asseguradoras, a ordem cósmica, os fins autônomos, os horizontes morais, em que se situava e percebia o sentido das coisas. Desnortado,

¹⁵ P. C. CIPOLINI, Teologia e pastoral da Igreja na cidade, *REB* 55(1995) 592s.

¹⁶ PAULO F. CARNEIRO DE ANDRADE, condição pós-moderna como desafio à Pastoral Popular, *REB* 53 (1993) 99-113; J. M. MARDONES, *Postmodernidad y neoconservadurismo. Reflexiones sobre la fe y la cultura*, Estella: Verbo Divino, 1991; J. M. MARDONES, *Postmodernidad y cristianismo. El desafío del fragmento*, Santander: Sal Terrae, 1988.

¹⁷ P. VALADIER, *Catolicismo e sociedade moderna*, São Paulo: Loyola, 1991, 35.

¹⁸ CHARLESTAYLOR, *Le malaise de la modernité*, Paris: du Cerf, 1994, 22.

alienado, torna-se presa fácil das mercadorias físicas e simbólicas e tentado às mais exóticas fugas.

Ameaçam-lhe o sentimento de solidão do coração, o isolamento, a impotência diante de uma realidade esfacelada, sem coluna vertebral. Esmacem-lhe a dimensão heróica da vida, o sentido de ideal. Perde o objetivo pelo qual vale a pena dar a vida. Falta-lhe paixão. Carcomem-lhe o interior o indiferentismo, a apatia (S. Kierkegaard).

Mas, doutro lado, é provocado e batalhado pela ideologia do sucesso, da eficácia, do desempenho, da competitividade, da excelência, da qualidade total, até a exaustão neurotizante. Vive ora entregue à inércia do sem-sentido, ora açulado pelo ativismo produtivo com o conseqüente consumismo compulsivo.

Fragmenta-se sua identidade, sofre o colapso do significado das coisas, a banalização, o estreitamento ou perda total do sentido da vida. Vê-se tentado ao narcisismo, hedonismo, relativismo moral subjetivista, permissivismo. Dobra-se sobre si, alienando-se dos problemas e preocupações religiosos, políticos ou históricos, que lhe transcendem o Eu. Resumindo esta reflexão sobre a face obscura do individualismo, Ch. Taylor conclui:

*"Em outros termos, a face sombria do individualismo deve-se a um dobrar-se sobre si mesmo, que banaliza e encurta nossas vidas, que empobrece o sentido e nos afasta do cuidado dos outros e da sociedade"*¹⁹.

O individualismo ostenta uma face positiva, que o autor acima citado também frisa, ao relacioná-lo com a ética moderna da autenticidade". Significa a tomada de consciência da originalidade, dignidade e singularidade de cada pessoa humana. Traduz reação contra a massificação. Exprime a emancipação do indivíduo diante de forças que o atormentavam no passado: natureza, destino, carrancas, estruturas opressoras da família, da política, da economia feudal e da religião, de autoritarismos os mais diferentes, etc. O indivíduo é chamado a assumir seu próprio destino, construí-lo em liberdade, com novas chances e possibilidades.

Revela também o desejo sadio do ser humano de realizar-se a si mesmo. Este percebeu, com clareza, como doentias, as formas masoquistas de autodestruição e que sobre elas não se constrói nada de sadio. Sente-se interpelado a buscar sua auto-realização, auto-construção na liberdade e na responsabilidade.

¹⁹ CHARLES TAYLOR, *op. cit.*, 12.

²⁰ CHARLES TAYLOR, *op. cit.*, 23.33-37.

11. Desafios teológico-pastorais

O quadro urbano pode-se ampliar indefinidamente, tal a complexidade da cidade moderna. Esses poucos traços fundamentais já levantam desafios suficientes para uma reflexão teológico-pastoral em diversos níveis.

No nível da organização

A nova configuração do espaço

A nova configuração de espaço e tempo na cidade moderna impõe revisão profunda do pensar e agir teológico-pastoral urbano. Até então predominava o espaço tricêntrico e o tempo cíclico". As cidades pequenas, rurais definiam-se pelo espaço central da praça em volta da qual se organizava a moradia e que era sobranceiramente tutelada pela igreja plantada no alto. O sagrado escandia a vida da comunicação entre as pessoas - a praça - na sua geografia física e na conduta ético-religiosa. As habitações também se deixavam nortear pela esfera sagrada. O relógio, símbolo do sagrado, dividia o tempo cíclico em parcelas repetitivas diárias, semanais, sazonais e anuais.

Teologicamente a imagem de Deus transcendente e Senhor absoluto de tudo encontrava no corpo da cidade expressão indiscutível. A igreja matriz simbolizava essa presença onisciente e soberana de Deus sobre tudo o que se desenvolvia na praça e nas moradias. Com essa teologia, a pastoral fluía natural e indiscutidamente, regida pelos ritos e normas ditados pela Igreja.

Havia fácil harmonia entre a simbologia teológica, as exigências morais e religiosas da Igreja e a figura da pequena cidade do campo. O paradigma rural, tradicional emprestava a ambas, cidade e Igreja, a constelação geral de convicções, valores, procedimentos, técnicas de que todos participavam. Havia um mesmo padrão e modelo básico de as pessoas perceberem-se a si mesmas, a sociedade, o mundo e sobre-tudo sua relação com Deus. O paradigma religioso do campo ou da pequena cidade rural construía, parafraseando a Newton Freire-Maia, um túnel que, pela sua posição, direção, diâmetro, -etc., orientava o encaminhamento da vida humana e religiosa dos habitantes". Os "mapas para a festa"?' do conhecimento, da vida e da morte, dos va-

²¹ P. ANTOINE - A. JEANNIÈRE, *Espace mobile et temps incertains. Nouveau cadre de vie, nouveau milieu humain*, Paris: Aubier-Montaigne, 1970.

²² NEWTON FREIRE-MAIA, *A ciência por dentro*, Petrópolis: Vozes, 1991, 103.

²³ O. MADURO, *Mapas para a Festa. Reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento*, Petrópolis: Vozes, 1994.

lores e contra-valores, do correto e equivocado, do justo e injusto, do aceitável e inaceitável, do normal e do estranho, do verdadeiro e do falso, eram dados pela Igreja, nas suas expressões rituais, teológicas, morais.

O mundo urbano moderno fragmenta o espaço, deslocando sua importância geofísica para o interesse, para a diversidade cultural e para a qualidade extremamente móvel, flexível e plural de cada parcela espacial. A cidade moderna é policêntrica. A praça da comunicação multiplica-se em milhares de possibilidades diferenciadas, plurais, quer espaciais quer sobretudo inundadas pelas infovias. A comunicação já não necessita de lugar para ser transmitida e obtida, graças à telemática, aos recursos da informática. A comunicação é onipresente. Decide sobre ela o interesse. O maior símbolo dessa mudança é a "internet". Ao participar-se dela, o horizonte urbano amplia-se, de certa maneira, para além do espaço e do tempo.

Além disso, a cidade moderna, sobretudo em nossos países de cultura de curta tradição e de influência americana, destrói rapidamente os espaços antigos, cultural e religiosamente significativos. O processo de urbanização, quase sempre sem um projeto diretivo respeitador dos espaços tradicionais, "aqui se desenvolveu através do inchamento das principais cidades, a ponto de torná-las incapazes de assegurar um mínimo de qualidade de vida para a grande maioria dos seus habitantes", constata o Fórum de ONGs brasileiras".

A destruição dos espaços tradicionais afetou diretamente a pastoral e o imaginário religioso. O nosso inconsciente é feito de sons e cheiros, de toques e gostos, de visões e sentimentos, percebidos e armazenados. E toda vez que uma tecla os provoca, brotam as experiências passadas. Ora, o inconsciente religioso forma-se, no campo e nas pequenas cidades, com os incensos das igrejas, o dobrar dos sinos, o corte majestoso da igreja paroquial, o murmúrio das preces, o arrastar-se das procissões ao som estridente das bandas, o soar dos órgãos ou harmônios, a voz decidida e preceptiva do vigário. A grande cidade tem o condão de silenciar-lhe todos esses estímulos.

Mais profunda ainda se dá a mudança, ao atingir a própria lógica espacial da cidade. Quando se diz vulgarmente que o shopping assumiu o lugar da catedral não se traduz simplesmente uma percepção visual. Revela tal fato a nova lógica espacial da grande cidade que afeta intimamente o universo religioso e de valores das pessoas.

²⁴ *Meio ambiente e desenvolvimento*. Uma visão das ONGs e dos Movimentos Sociais Brasileiros. Relatório do Fórum de ONGs Brasileiras preparatório para a Conferência da Sociedade Civil sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rio 92., Fórum de ONGs Brasileiras, Rio de Janeiro, 1992, 17.

Com efeito, a centralidade da igreja matriz da pequena cidade reflete a posição de destaque do Transcendente na vida das pessoas e da sua mediação histórico-institucional da Igreja. O shopping desloca o Transcendente religioso para o interior das pessoas, para fora do campo visual, cercando o mercado, a mercadoria, com o esplendor e a beleza que antes vestiam os ritos religiosos.

Produz-se no mundo urbano verdadeira "camuflagem do sagrado", ao transferir para as realidades seculares estruturas próprias do mundo religioso. "A camuflagem passa a ser o novo estatuto do sagrado no moderno dessacralizado; em outros termos, encontramos uma radicalização da camuflagem, desde que ela é uma estrutura já presente no fenômeno religioso">. Assim o shopping camufla a presença do templo.

A camuflagem, teologicamente falando, dificulta a percepção do Transcendente presente na realidade humana. Estabelece uma relação deformante entre Transcendência e imanência. A teologia cristã, com o mistério da Encarnação, oferece a verdadeira chave de interpretação das realidades terrestres. O humano é sacramento do divino. Os quatro famosos advérbios do Concílio de Calcedônia -- inconfusa, imutável, indivisível e inseparavelmente" -- que querem traduzir a relação entre humanidade e divindade em Jesus Cristo, servem para perceber a relação da Transcendência no mundo moderno. Eles supõem uma clara percepção explícita e reflexa da dupla realidade e sua articulação. A camuflagem do espaço religioso no mundo urbano vela essa percepção e deforma, portanto, a articulação.

Em outros termos, o religioso-templo desce ao nível inconsciente, cujo tipo de operação é incontrolável, enquanto o profano-shopping comanda diretamente as decisões. Para uma verdadeira e autêntica experiência religiosa, ambas as realidades devem vir ao nível da consciência e da decisão. Esta é uma das grandes dificuldades teológico-pastorais da cidade. Vivem-se inconsciente, incontrolada e não-livremente desejos, aspirações religiosas, afogados num mar de solicitações seculares.

Para que a instância religiosa possa exercer seu papel crítico e "divinizante" do humano-secular não se deve naturalmente recuar ao dualismo natural-sobrenatural, mas à polaridade tensiva, consciente e reflexa entre Transcendência-imanência, fé-realidade secular na unidade das ações.

²⁵ CLEIDE C. DA SILVA SCARLATTELLI, *A camuflagem do sagrado e o mundo moderno à luz do pensamento de Mircea Eliade*, Dissertação de Mestrado da UFMG, Belo Horizonte, 1995, 79.

²⁶ DS 302_

Na lógica da fé, esta decide criticamente sobre o sentido do agir humano. Na lógica do mundo urbano secular, o mercado-mercadoria comanda os desejos religiosos vagos e inconscientes. Esta inversão produz-se, não em último lugar, por causa da nova lógica espacial introduzida pelo mundo urbano moderno.

Além da inversão do templo pelo comércio, o espaço urbano rompe a proximidade trabalho-moradia, casa-amizades, descaracteriza a vizinhança pelo alargamento das distâncias, pela geografia das vias de acesso, pelo fluxo do tráfego, pela segregação física e social. Em termos psicossociais, as relações primárias e espontâneas desfazem-se, impondo-se as secundárias e funcionais.

A lógica da fé católica é eclesial, baseia-se no comunitário. Produz-se permanente contradição entre o discurso teológico-pastoral e a lógica urbana. Nas celebrações, fala-se da dimensão comunitária e eclesial necessária da fé. A igreja matriz pretende ser o centro da comunidade paroquial. A lógica urbana não tem centros, mas interesses em torno dos quais se reúnem as pessoas. Ela também favorece momentos comunitários, mas não criação de comunidades.

Inúmeras tentativas de cristãos viverem em condomínios, em casas próximas e de criarem comunidades estáveis de fé, têm-se mostra-do muito precárias. A irresistível lógica da cidade impõe outro ritmo. Por sua vez, a resposta de certas seitas tem sido mais eficiente. Elas conjugam a dimensão subjetiva, individual da fé com as experiências esporádicas de multidão. Repetem a estrutura dos estádios. Os fiés são torcedores, mais ou menos convictos, que freqüentam as multitudinárias assembléias como jogos de seu time.

A concentração demográfica territorial urbana, e, no caso de muitas cidades brasileiras, a favelização, expressão da marginalização e exclusão social, associada freqüentemente com abrigo da marginalidade, desestruturam o trabalho pastoral eclesial e apagam em muitos as reminiscências religiosas do seu lugar-origem. A pesquisa feita na Arquidiocese de Belo Horizonte revela, comenta o P. Alberto Antoniazzi, que o número de participantes na Missa é levemente inferior entre os analfabetos e entre as pessoas com formação universitária. Os extremos da escala social freqüentam menos". Provavelmente valerá de outros centros urbanos. Pois são estas camadas que mais sofrem o impacto da urbanização ideológica e geográfica.

Ainda como conseqüência da desorganização espacial das nossas megalópoles crescem a violência e o grau de criminalidade, abrem-

²⁷ *Religião na Grande BH*, Primeiro relatório das pesquisas promovidas pela Arquidiocese de BH, Projeto Construir a Esperança, 1991, 38.

se caminhos largos para a droga e outras contravenções. A violência tem produzido medo de mover-se na cidade, em determinados lugares e horas, com direta repercussão sobre a organização da pastoral. As famosas liturgias noturnas da Semana Santa ou de Natal têm-se inviabilizado, em certos lugares, por medo da violência noturna urbana.

Numa palavra, processam-se a degradação e a decomposição dos espaços da vida e multiplicam-se os da morte. Milton Santos resume este fenômeno na expressão "involução metropolitana" com o aumento desmesurado e constante do número de pobres e trabalhadores mal pagos, com as correspondentes condições de vida". Naturalmente nesse espaço o grau de exploração do trabalho é maior.

As grandes cidades manifestam desgastante corrosão da estrutura familiar, o desenraizamento das relações primárias pelas contínuas migrações. O tamanho e o distanciamento físico empurram as pessoas para o anonimato. Mesmo os amontoamentos habitacionais não rompem esse individualismo do anonimato, antes induzem as pessoas a viverem uma-das-outras e não com- ou para-as-outras.

A nova configuração do tempo

O tempo metamorfoseia-se grandemente na vida urbana. De sua forma cíclica, no ritmo lento do calendário rural, passa para a celeridade urbana. Os cidadãos sentem-se imersos na voragem de um tempo que os engole com a rapidez dos furacões.

A pluralidade de ofertas de lazer da cidade e a nova evolução da mídia provocam modificações significativas em vários planos. Quanto à simples distribuição do tempo, este fenômeno encurta cada vez mais os momentos para o religioso e prolonga as horas diante das telas coloridas.

A cidade e o impacto fundamental da mídia vêm acelerando a sensação interior de falta de tempo. Evidentemente é um falso problema. O dia continua tendo 24 horas em qualquer parte do mundo e em qualquer momento da história.

Mas a percepção e a sensação das horas têm variado. A falta de tempo reflete uma questão fundamental de prioridade de escolhas. E as prioridades se estabelecem pela imposição ou pela livre preferência.

28 MILTON SANTOS, A metrópole: modernização, involução e segmentação, in: L. VALLADARES - E. PRETECEILLE, *Reestruturação urbana. Tendências e desafios*, São Paulo: Nobel/IUPERJ, 1990, 184.

Ora, a cidade influencia esses dois canais decisivos na determinação das prioridades. No mundo rural ou na pequena cidade, a religião exercia enorme pressão sobre as pessoas e impunha uma série de atividades que lhes enchiam o tempo. O fenômeno da secularização, entre outras coisas, significa essa perda da influência do sagrado nas prioridades impostas sobre as pessoas.

As razões, que pesavam no mundo rural ou da pequena cidade, vinham do tipo de trabalho e vida familiar que abriam tempos maiores ao religioso. O mundo urbano obriga a maioria das pessoas a um tipo de trabalho, de locomoção, de cuidados familiares, que termina por restringir de muito os períodos de tempo, antes dedicados ao religioso.

Mais. Quando as estruturas externas de apoio às condutas humanas enfraquecem, estas só permanecem na mesma direção se crescer o nível de consciência e de decisão. Assim, ao diminuírem-se as pressões para as pessoas dedicarem mais tempo ao religioso, tal ritmo só continuaria se-aumentasse a convicção interior de sua importância.

Ora, o mundo urbano enfraquece também esse lado. As motivações religiosas perdem força. A ideologia, entendida como o conjunto de idéias e valores que vige em dado meio social, do mundo urbano é extremamente secular, centrada no prazer imediato do sujeito, na satisfação de suas necessidades urgentes e prementes. A cidade oferece outro espectro muito mais amplo de prazer, de necessidades a serem satisfeitas que não as religiosas.

O religioso unicamente se torna atraente à medida que ele provoca prazer, satisfação. Nesse caso, entra em agressiva concorrência com outras fontes de prazer e gozo de modo que muito menos pessoas e em muitos menos casos sentem a força prazerosa da religião.

Há, sem dúvida, uma necessidade religiosa crescente no mundo da tecnologia avançada, da secularidade urbana, mas a nível de busca de satisfação e não por convicção de decisão de fé. Aí está um dos nós teológico-pastorais. Ou mesmo dilema dilacerante. Trata-se ou de entrar nesse jogo e apresentar formas religiosas de auto-satisfação, que então terão força suficiente para imporem-se como prioridade buscada ou de manter as pretensões de liberdade, de consciência, de compromisso, de exigências da fé cristã. Nesse caso, diminuirá a força cogente sobre a decisão das prioridades escolhidas.

A pastoral depois do Concílio Vaticano II admite certa dificuldade de embarcar na aventura de organizar os atos religiosos em função de necessidades imediatas e prementes das pessoas como fazem certas igrejas pentecostais autônomas. Daí vem sua incapacidade de tornar-se prioridade buscada pelas pessoas.

A questão da organização do tempo complica-se ainda mais por causa da simultaneidade de sociedades existentes em nossas cidades. Há pessoas que ainda mentalmente e em seus comportamentos pertencem ao mundo rural arcaico. Outras já se modernizaram segundo o ritmo da sociedade moderna industrial e outras já lhe ultrapassam as fronteiras para a pós-modernidade informatizada e pós-industrial.

Nessas visões de mundo a função do religioso, do lazer varia grandemente não apenas na espécie de expressão religiosa ou de lazer, mas também na sua concepção mais profunda.

Nas sociedades tradicionais, a religião valia por ela mesma, por sua objetividade. Ou, em outros termos, por sua função social objetiva tutelar da vida social e por seu valor intrínseco de garantir a vida eterna. Independia de nossos gostos e preferências subjetivas. O lazer, por sua vez, cumpria uma função em referência ao trabalho. Descansava-se para poder-se trabalhar mais e melhor. Não valia por ele mesmo.

Inverte-se significativamente na sociedade moderna e pós-moderna a compreensão da religião e do lazer, fazendo que a religião diminua seu espaço e o lazer o aumente. O lazer adquiriu valor por ele mesmo. A religião, por sua vez, vale enquanto responde a necessidades concretas das pessoas.

As megatendências para o final do milênio apontam "mudança fundamental e revolucionária nos hábitos e prioridades de gastos das pessoas em termos de lazer. As artes substituirão gradualmente os esportes como atividade básica de lazer da sociedadeO moderno renascimento nas artes visuais, poesia, dança, teatro e música contrastará com a recente era industrial, em que o militar era o modelo e os esportes, a metáfora?".

A arte ocupando o lugar do esporte nos USA significa o lazer como tal ocupando o lazer-funcional. O esporte estava extremamente comercializado. O próprio termo de "futebol profissional" opondo-se ao "futebol amador" mostra que a dimensão de lazer permanece recessiva. Na tendência atual, o lazer ocupa a centralidade por ele mesmo, sem estar necessariamente em função do trabalho ou da profissão, visando diretamente ao lucro.

Tal mudança produz enorme impacto sobre o religioso. Os tempos, antes dedicados ao mundo religioso, hoje se orientam para o lazer. Mais ainda. O religioso atrai à medida que ele participa mais do lazer que da obrigação, mais do gozo do que do valor objetivo e funcional.

Destarte o cristianismo hoje necessita ser muito mais trabalhado como religião da liberdade e não da necessidade nem da obrigatoriedade nem das tradições". Implica inversão teológica da própria imagem de Deus, menos um Juiz supremo, um legislador exigente e mais um Deus de amor e liberalidade. Uma religião de prescrições, de mandamentos, sempre às voltas com o dever e a obrigação, responde menos, faz-se pouco acessível a essa mudança de paradigma de lazer e de religião.

Alguém pode perguntar-se se não será uma traição ao cristianismo e à igreja católica abrir mão de uma religião da obrigação. Desde criança se aprendem os mandamentos da Lei de Deus e da Igreja. No entanto, existe profunda tradição jesuana e paulina de ênfase sobre o amor e a liberdade. 5to. Agostinho resumira-a no famoso apotegma: Ama et fac quod vis! Ama e faze o que queres!

A teologia católica trabalhou bem a diferença entre liberdade-de e liberdade-para e sua articulação. Talvez aí se encontre alguma luz teológico-pastoral para essa-nova visão urbana da religião e do lazer.

A liberdade-de exprime uma concepção de religião da liberdade em que os vínculos da lei, da obrigação se submetem ao princípio fundamental do amor, da experiência salvadora de Deus, da graça vivida e experimentada como liberalidade divina. A liberdade-para salienta a dimensão de compromisso a que esse amor leva. Não se trata de submissão a leis, mas da realização de práticas motivadas por amor que superam de longe as próprias exigências da lei. 5. Paulo alerta para não entender a liberdade como motivo para a libertinagem, mas sim para que nos realizemos no amor".

Aprofundando a reflexão, os desafios da cidade moderna à teologia e à pastoral atingem o próprio imaginário das pessoas, o seu universo de valores. Tais transformações obrigam repensar estruturas mentais que subjazem ao modelo atual teológico-pastoral.

No nível do imaginário e dos valores

Já alguns elementos no plano da organização do espaço e do tempo implicavam mudança de paradigma de pensar e de agir no plano do imaginário e dos valores. A nossa atenção se concentra no momento sobre a pergunta a respeito da configuração dos valores na cidade.

³⁰ H. HMG, - E. DREWERMANN, *No os dejes arrebatar ta libertado* Por un diálogo abierto en la Iglesia. Dirigido por Klara Obermüller, Barcelona: Herder, 1994.

³¹ J.O'CONNOR MURPHY, *L'Existence chrétienne selon st. Paul* (Lectio Divina, n. 80), Paris: Cerf, 1974.

Entre os traços fundamentais da modernidade urbana apontávamos o individualismo. A cidade desenvolve sobretudo um **individualismo em torno do útil**.

S. Luís Gonzaga perguntava-se diante de cada ação: Que vale isso para a eternidade? Para o santo, o valor máximo era a vida eterna. Para a modernidade urbana, o valor supremo gira em torno da utilidade para o indivíduo aqui e agora. A "trindade sacrossanta" resume-se: **indivíduo, utilidade e presente**.

Como acima já nos referimos ao individualismo, retém-nos agora a **dimensão de utilidade**. Tudo na modernidade se submete aos critérios do útil", E, se unirmos a esses critérios, o império da razão instrumental, que se orienta a partir da eficácia, competência e baixos custos, temos uma mistura explosiva do imaginário e dos valores tradicionais".

As pessoas esperam da pastoral, dos pastores, que realizem em suas práticas esses critérios. Quando trabalhei durante umas férias numa paróquia americana, expressão máxima do imaginário urbano, organizava-se o trabalho dos cinco sacerdotes atuantes de tal modo que durante as 24 horas houvesse sempre um padre de plantão para o "duty". Os outros quatro padres podiam dispor do tempo à vontade. Importava ao fiel americano ter a segurança de que a qualquer hora do dia ou da noite estaria alguém disponível e útil para suas necessidades espirituais. Naturalmente quanto mais eficaz e competente for o serviço, tanto melhor, porque realiza, em grau maior, a sua finalidade de utilidade.

A **pastoral** tende a ser cada vez mais "**profissional**", contagiando-se assim com o vírus da utilidade. Mede-se seu valor pela eficiência, competência, equilíbrio de custos e benefícios. No imaginário das pessoas, a utilidade impregna as realidades de enorme transitoriedade. Uma mesma coisa não permanece sempre útil. E com a indústria do descartável, o tempo de utilidade tende a diminuir cada vez mais.

Esse comportamento econômico e do mundo das coisas, sobretudo na prática consumista, transfere para o imaginário a percepção-valor de que tudo possui funções cada vez mais transitórias. E, por sua vez, a Igreja mantém muitas de suas estruturas com relativa fixidez. É verdade que ela, nos últimos tempos, rompeu algumas de suas tradições milenares: introduziu a língua vernácula em lugar do latim, praticamente aboliu o jejum eucarístico, modificou e aumentou o número

³² A. DUPRONT, *A Religião Católica: Possibilidades e perspectivas*, São Paulo: Loyola, 1995, 28ss.

³³ CHARLES TAYLOR, *Le malaise de la modernité*, Paris: du Cerf, 1994, 12-16.

das Orações Eucarísticas, etc. Tocou na estabilidade vitalícia dos bispos, introduzindo a prática da renúncia aos 75 anos, retirou dos cardeais de mais de 80 anos o direito de eleger o Papa. Só este goza de vitalicidade de poder na Igreja.

Evidentemente influi muito nessa mudança de imaginário a real substituição dos monarcas absolutos e vitalícios por governantes eleitos por períodos, em geral, bem curtos. O ethos democrático na política interfere também na criação de um imaginário de transitoriedade.

Mais. O ethos democrático associa às funções públicas o caráter de escolha popular, de controle" ao menos periódico, verificativo, por parte do povo, do desempenho satisfatório ou não do político. Em casos mais graves, como recentemente vivemos com o ex-presidente Collor, há mecanismos de cassação do poder concedido ao homem público. Portanto, o ethos democrático confere aos homens públicos a consciência de que não exercem um poder autocrático, onipotente e prepotente, já que necessitam do aval popular para recebê-lo e permanecer nele. E se submeterão periodicamente ao juízo popular.

Com as crescentes possibilidades e maior poder da mídia, a consciência de labilidade do homem público cresce. Sabe que a qualquer momento um passo em falso pode custar-lhe caro.

Esse novo imaginário democrático tem-se chocado com a pastoral de uma Igreja cujos agentes principais, bispos e párocos, assumem tarefas independentemente do sufrágio popular, permanecem nelas mesmo contra aspirações populares. Não respondem freqüentemente aos critérios da utilidade, competência, eficácia e equilíbrio entre custos e benefícios. Às vezes, mostram-se certos agentes de pastoral inúteis, ineficientes e incompetentes, com altos custos pastorais de abandono da Igreja de fiéis. E, apesar disso, são mantidos em seus cargos pela via da autoridade externa ao universo em que se desenrola a atividade pastoral.

A dúvida pastoral é até onde esse choque de imaginários permitirá à Igreja cumprir sua missão de fidelidade ao evangelho. Até onde o ethos democrático revela o agir de Deus na história e interpela, portanto, sua Igreja ou até onde nesse ponto ele reflete outros valores aos quais a Igreja, com vocação própria, poderá responder de outra maneira.

De certo modo, associa-se ao imaginário da transitoriedade a experiência crescente de fragmentação da vida urbana. Pode-se comparar a vida rural com imensa ânfora, unitária e bem moldada. Ela se deixa captar sob uma única mirada em sua totalidade harmônica. Os ele-

mentos dissonantes perdem legitimidade e por isso ameaçam menos. No caso de nossa sociedade brasileira, a religião católica fornece-lhe a carta de cidadania e pertença.

Na sociedade urbana, partiu-se a ânfora em cacos. Fragmenta-se a unidade. Conseqüentemente as pessoas sentem-se, de um lado, perdidas, sem a possibilidade de cobrir a realidade com um só olhar. Mas, de outro, cada um pode juntar os cacos, ordená-los e criar seu próprio caleidoscópio e admirar-lhe a beleza. Isso significa maior espaço para a liberdade, para a responsabilidade, para as decisões pessoais diante do pluralismo estonteante de ofertas". Exige também maior maturidade já que construir o espectro da própria existência é muito mais difícil que recebê-lo já pronto das gerações anteriores.

Em termos educativos, implica para as novas gerações aprender menos o aprendido. Esse se encontra mais facilmente disponível nos infinitos softs e nas redes de programas informatizados. Mas, em compensação, é-lhes exigido maior criatividade para saber como trabalhar essa mole informativa. Como dispor os cacos infinitos à nossa disposição em figuras coloridas e harmônicas.

Em termos pastorais, o aprendizado paroquial, que o seminarista adquire no curso para depois aplicá-lo na paróquia, parece mais fadado a inibir a criatividade, a preparar burocratas repetitivos que a preparar realmente o pastor de amanhã, criativo, original, diferente. Não é em vão que os currículos de teologia têm sofrido tanto para definir o conteúdo da "teologia pastoral". Não se contentam com nada. E cada nova tentativa parece não responder às exigências concretas.

Questiona-se na pastoral da cidade o uso dos textos fixos, dos folhetos impressos, dos roteiros uniformes para todos e muito mais caminha-se na linha de sugestões que nas diferentes celebrações encontram concretizações diferenciadas.

À medida que se adentra pela cultura urbana da rapidez e da sucessão vertiginosas, do descartável, do momentâneo, menos espaço se encontra para as pastorais fixas, repetitivas, mecânicas. A mecanografia das máquinas de escrever abre espaço para o jogo inventivo e criativo dos computadores. Assim as pastorais "mecanográficas" embotam-se enquanto a agilidade infinitamente criativa dos softs pastorais parece ter futuro.

A pastoral defronta-se também com a magia da cidade. Apesar de todas as suas misérias, apesar da tendência da reversão do leque sa-

³⁴ K. GABRIEL, *Christentum zwischen Tradition und Postmoderne*. Friburgo na Brisgóvia: Herder, 1992, [Quaestiones Disputatae; 141], 133ss.

lial a favor do campo", as pessoas buscam-na e nela querem permanecer. Então, que existe no imaginário urbano que atrai tanto e retém as pessoas?

A cidade seduz. Suas luzes brilham. Suas cores ofuscam. A dimensão estética adquire cada vez mais importância para todos. Mesmo pessoas que vivem uma vida dura, pobre, fazem questão de cuidar de sua beleza. O Caderno ZAP de "O Estado de São Paulo" de 25 de janeiro de 1996, numa reportagem sobre a vida de jovens bóias-frias do Interior de São Paulo, atingido já pelos revérberos urbanos, ostenta a manchete: "Vida dura não descarta vaidade". A jovem entrevistada do Interior, Vilma, exibe unhas viçosas e bem cuidadas. Chama a atenção também como o pessoal das favelas desce nas horas de lazer elegante, bem vestido, esnobando bom gosto.

A pastoral é desafiada pela beleza. À medida que a liturgia, as celebrações, os ritos, as reuniões, os encontros se vestem de beleza, de alegria, de festa, eles despertam interesse. Mas quando se engolfam em perda monotonia, terminam por afastar as pessoas.

Talvez um dos impasses da pastoral juvenil venha da dificuldade de as paróquias oferecerem situações e experiências de beleza para os jovens. Reuniões intelectualizadas em torno de reflexões sobre textos já não satisfazem uma geração acostumada à shows, a videogames coloridos, a festas alegres, ao gosto, à elegância.

A cidade é o espaço dos sonhos. Mesmo que na sua inumanidade produza tanta frustração e sofrimento, ela conserva mirabolantemente seu fascínio. Fonte de ilusões. Gera a sensação de liberdade, de mobilidade, de palco de infinitas possibilidades em oposição à rigidez e estabilidade do mundo tradicional rural. Permite enorme pluralismo de modo de viver. Isso vai abrindo às pessoas para o diferente, para a surpresa. Talvez nossa pastoral não consiga responder a essa expectativa urbana e repita ainda os moldes rurais do "já conhecido", do "já visto", do "já ouvido".

Num dos reveillons passados em que aconteceu o acidente do Bateau Mouche, o noticiário televisivo mostrou como a isca mais sedutora do programa consistia precisamente na surpresa que esperava os convivas. Comprava-se o "pacote de diversão" sem conhecer o programa. Evidentemente só estavam em questão experiências prazerosas e caras. Tornaram-se ainda mais sedutoras, porque cobertas pelo véu do desconhecido, da surpresa:

³⁵ MILTON SANTOS, A metrópole: modernização, involução e segmentação, in: L. VALLADARES- E. PRETECEILLE, *Reestruturação urbana. Tendências e desafios*, São Paulo: NobellIUPERJ, 1990, 184.

Difícil arquitetar uma pastoral urbana criativa quando as cartas de nosso baralho dominical já são de antemão conhecidas. Tudo o que o fiel vai experimentar, ver, sentir, ouvir soa para ele como algo já sabido. E se os sermões, não preparados, se tornam repetitivos, a dose excede a suportabilidade moderna.

Se teologicamente dizemos que Deus é sempre maior, sempre novo, como, então, conseguir que tal afirmação teológica se traduza em experiências concretas de novidade? Por que os ritos religiosos se fi-xam e se congelam tão rapidamente? Por outro lado, as pessoas, so-bretudo as mais velhas, sentem-se perdidas e desarvoradas quando não reconhecem nas celebrações aqueles gestos e palavras que se acostumaram a ouvir. Como sair do impasse?

A cidade é o espaço da tolerância. Aos poucos as pessoas na cidade vão aprendendo a conviver com as mais diferentes posturas. Adotam interiormente uma atitude de respeito ou, pelo menos, de indiferença diante do exotismo e até mesmo da esquisitice com que se de-frontam. Impregna-lhes o inconsciente um sentido de tolerância, de relativismo diante dos valores, das verdades, dos comportamentos.

A pastoral labuta em vertente oposta. Quer passar valores definitivos, compromissos inquebrantáveis e irrevogáveis. Sofre com a fluidez axiológica das cidades. Desafia-lhe, sem incorrer em intransigência hoje insuportável, propor às liberdades, como forma de sua realização e plenificação, a capacidade de assumir decisões responsáveis e permanentes.

Essa convicção já não se adquire desde a autoridade. Deve passar por uma reflexão detalhada sobre as próprias experiências, conjugando as frustrações do extremo relativismo moderno e as alegrias das fidelidades continuadas. Nesse sentido, os jubileus e as bodas de compromissos prolongados merecem mais destaque que normalmente se dão, especialmente quando elas refletem na alegria da celebração a verdade da experiência. E não se perdem unicamente na formalidade vazia das festas protocolares.

A cidade é o lugar da religião invisível>. É o outro nome de secularização. O religioso perde sua localização externa. Interioriza-se, As realidades interiores mantêm-se, se conseguirem ser alimentadas pela convicção e se ostentarem um mínimo de visibilidade e exteriorização. Por mais que a religião se torne invisível na sociedade, como um todo, necessita encontrar para as pessoas momentos e lugares de visibilização que nasçam da convicção e a reforcem. Isto já não

³⁶ TH. LUCKMANN, *La religión invisible. El problema de la religión en la sociedad moderna*, Salamanca: Sígueme, 1973.

se cria pelo simples ritmo da tradição e da autoridade. Implica criatividade pastoral.

Sempre será possível que pequeno grupo religioso queira manter intacto literalmente um modelo oficial de religião posto socialmente em questão, introduzindo, no máximo, algumas correções de rota. Tal posição conservadora não tem futuro, mesmo que, no momento, pareça ressurgir sob a forma de involução, neoconservadorismo ou restauração³⁷. O risco dessa posição consiste em confundir uma retórica e discurso coerentes com a compreensão do mesmo pelas pessoas. Intercala enorme distância entre a significação real que se dá às palavras das autoridades e o que elas pensam e querem dizer com a rigidez de suas fórmulas.

Quando em certas manifestações religiosas com maciça presença de público autoridades eclesiásticas aproveitam para vazar suas prédicas tradicionais, pesquisas de campo mostraram a diferença abissal entre esses discursos e o sentido da presença das pessoas. Estas vieram ao ato religioso por outras motivações e não se ativeram em nada às falas autoritativas. Suportaram-nas como em muitas formaturas sofrem-se os discursos dos paraninfos.

A aceleração das mudanças sociais, a fragmentação crescente dos universos simbólicos globais, a segmentação de grupos sociais, o surgir ininterrupto de subculturas, o impacto avalassador da mídia com a exposição das mais diversas visões e comportamentos humanos com preferência pelo exótico, as possibilidades de conhecimento oferecidas pela internet e redes semelhantes desacreditam um modelo religioso único, impositivo, em nome da tradição e da autoridade.

Tal impacto não seculariza a religião no sentido de abafar totalmente os desejos religiosos. Antes tem-nos despertado com duplo efeito. Em primeiro lugar, por ação da mídia as pessoas habitam-se mais ao mundo da imagem do que ao da letra. Ora, o Cristianismo é basicamente uma religião do livro. Nossas liturgias giram quase totalmente em torno da palavra, seguindo a tradição sernita da Sinagoga e a valorização grega da idéia. Gera-se descompasso em relação à maneira mediática, cada vez mais comum, de apreciar a realidade a partir da imagem e não da palavra.

³⁷ J. L. GoNZÁLEZFAUS, El meollo de la involución eclesial, *Razón y Fe* 220, nn. 1089/90 (1989) 67-84; O neoconservadorismo. Um fenômeno social e religioso, *Concilium* n. 161 - 1981/1; F. CARTAXOROLIM, Neoconservadorismo eclesiástico e uma estratégia política, *REB49* (1989) 259-281; J. COMBLIN, ressurgimento do tradicionalismo na teologia latino-americana, *REB* 50 (1990) 44-73; P. BLANQUART, Le pape en voyage: la géopolitique de Jean-Paul II, in: P. LADRIERE- R. LUNEAU (dirs), *Le retour des certitudes. Evénements et orthodoxie depuis Vatican II*, Paris: Le Centurion, 1987, 161-178; J. RATZINGER- V. MESSORI, *A fé em crise? O Cardo Ratzinger se interroga*, São Paulo: EPU, 1985, 23.

Em segundo lugar, tira a plausibilidade uniforme do modelo oficial. Permite e açula a criação de expressões variadas e divergentes dos modelos oficiais. O jogo entre o pluralismo teológico-pastoral e a unidade católica inegociável constitui-se tarefa sem término. Em todo oscilar, as posições se diferenciam pela maior ou menor aproximação ao pólo do pluralismo ou ao da unidade. Em termos teóricos abstratos, ninguém discorda de que o catolicismo não perde e sim enriquece à medida que encontra novas formas de expressão. Mas no concreto, a dificuldade advém do reconhecimento "católico" dessas formas.

A interiorização da religião é inexorável na sociedade moderna e por isso ela deve respeitar e responder às demandas e necessidades das pessoas. Responder não significa necessariamente satisfazer sem mais tais necessidades, como fazem muitas igrejas pentecostais. Dar-lhes sentido, desocultar-lhes as motivações mais profundas, orientar-lhes as aspirações autênticas desafiam uma pastoral coerente. Em termos mais exatos, cabe à pastoral esforço hermenêutico para conseguir, em mantendo-se fundamentalmente fiel à expressão católica da fé, uma versão assimilável na atualidade.

A "religião invisível" alimenta-se do forte individualismo da sociedade e cidade modernas. E quanto mais pesados forem para o indivíduo em busca de prazer o anonimato, a frieza e o massacrante cotidiano das grandes cidades, governado pela tecnologia sem alma, tanto mais ele buscará o religioso como gozo. Nesse contexto, entende-se a nova onda religiosa e espiritualizante da Nova Era.

O fenômeno da "Nova Era" abarca arco amplo e eclético, desde experiências místicas, de meditação transcendental até leitura de mão, terapias bizarras. No fundo, porém, perpassa-a um sonho de harmonia, de paz, de prazer, de beleza, de gozo, de desejo de ultrapassar por exercícios e técnicas os limites do corpo material, da vida terrena, dos conhecimentos científicos positivistas, do espaço fechado do ego, para fronteiras inimagináveis".

³⁸ Existe sobre a temática arrojadíssima bibliografia: LEILA AMARAL - GORR FRIEDKÜNZLEN - GODFRIED DANNEELS, *Nova Era. Um desafio para os cristãos*, São Paulo: Paulinas, 1994; A. NATALETERRIN, *New Age. La religiosità del postmoderno*, Bologna: EDB, 1993; J. C. GIL - J. A. NISTAL, *"New Age": Una religiosidad desconcertante*, Barcelona: Herder, 1994; J. SUDBRACK, *La nueva religiosidad. Un desafío para 10 cristianos*, Madrid: Paulinas, 1990; V. G. FELLER, *Nova Era e fé cristã: Mútua exclusão?* *REB* 55 (1995) 338-364; para breve informação: J. B. LIBANIO, *Nova Era: Desafio à fé cristã*, *Família Cristã* 62, n. 722 (1995) 38-43. Em outro artigo, apontava algumas pistas no sentido de ir, de maneira positiva e criativa, ao encontro da espiritualidade da Nova Era com suas místicas cósmica e psicológica: *Espiritualidade da libertação em tempos de Nova Era*, *Vida Pastoral* 36, n. 182 (1995) 2-8.

Paradoxalmente a situação de pluralismo gerada nas cidades, em vez de permitir mais liberdade e escolha livre, produz para alguns o efeito contrário. Destarte, uma minoria sente-se insegura e desarvorada e então busca sofregamente uma instituição rígida e autoritária. Tor-na-se assim a cidade espaço propício para o movimento fundamentalista militante e, frequentemente de corte fanático, tanto no campo católico quanto no campo evangélico".

Portanto, o problema religioso da cidade é extremamente complexo: religiões tradicionais ainda persistindo, renovações ou/ e restauração em diversas denominações religiosas, movimento fundamentalista, surto pentecostal", diversos tipos de seitas", o fenômeno da Nova Era.

111. Em busca de pistas pastorais

Ao longo da reflexão, já apareceram algumas pistas pastorais para repensar teológico-pastoralmente a modernidade urbana. Resgatá-las, de maneira mais ordenada, pode facilitar entender o conjunto da reflexão.

Em termos genéricos, Santo Domingo propugna a inculturação do Evangelho na cidade. "A partir da riqueza inesgotável de Cristo, se não de buscar as novas expressões que permitam evangelizar os ambientes marcados pela cultura urbana e inculturar o Evangelho nas novas formas da cultura emergente"⁴². Percebe claramente que entre os desafios da cultura moderna está: "A nova cultura urbana, com seus valores, expressões e estruturas características, com seu espaço aberto e, ao mesmo tempo, diversificado, com sua mobilidade, em que predominam as relações funcionais:". Aponta para uma pastoral urbanamente inculturada nos campos da catequese, liturgia, organização da Igreja. Prossegue enfaticamente: "A Igreja deverá inculturar o Evangelho na cidade e no homem urbano. Discernir seus valores e

³⁹ F. GALINOO, *O fenômeno das seitas [fundamentalistas]*, Petrópolis: Vozes, 1995.

⁴⁰ CLÁUDIORIBEIRO, Pentecostalismo: Um fenômeno religioso de massas, in: *9º Encontro Intereclesial: CEBs - Vida e Esperança nas massas*. Texto-base, São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1996, 54-67; A. ANTONIAZZI, C. LORETOMARIZETALI, *Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do pentecostalismo*, Petrópolis: Vozes, 1994; Pentecostalismo Autônomo, uma inversão sedutora? *Aconteceu / Suplemento especial (CEDI)* n. 548 (1990); F. CARTAXOROLIM, *O que é pentecostalismo?* São Paulo: Brasiliense, 1987, (Primeiros Passos, n. 188).

⁴¹ LEILAH LANDIM (org.), Sinais dos tempos: Igrejas e seitas no Brasil, *Cadernos do Iser*, n. 21; 10., Sinais dos tempos: Tradições religiosas no Brasil, n. 22: 10., Sinais dos tempos: Diversidade religiosa no Brasil, n. 23 (1989-1990).

⁴² *Santo Domingo*, Conclusões: n. 30.

⁴³ Id., n. 253.

antivalores: captar sua linguagem e seus símbolos. O processo de inculturação abrange o anúncio, a assimilação e a reexpressão da fé⁴⁴. Há uma insistência sobre a paróquia e pastorais: "Reprogramar a paróquia urbana. A Igreja na cidade deve reorganizar as suas estruturas pastorais. A paróquia urbana deve ser mais aberta, flexível e missionária, permitindo uma ação pastoral transparoquial e supra paroquial. Além disso, a estrutura da cidade exige uma pastoral especialmente pensada para essa realidade. Lugares privilegiados da missão deveriam ser as grandes cidades, onde surgem novas formas de cultura e comunicação"⁴⁵.

1. Nova configuração dos valores

Freqüentemente contrapomos ao mundo dos valores tradicionais os contra-valores da sociedade urbana numa leitura em chave preto e branco. O fenômeno é bem outro. Na sociedade urbana ou rural não há mais nem menos valores. Difícil comparar. Não adianta muito fazê-lo. Acontece na cidade um processo de nova configuração dos valores, modificando os eixos estruturadores da cultura rural.

A sociedade moderna urbana preza sobremaneira a individualidade na sua busca de realização no presente através da escolha diante das infinitas possibilidades oferecidas em contínua variedade criativa. Qualquer valor necessita referir-se ao indivíduo. Não necessariamente numa auto-referência absoluta. É possível, pelo contrário, apontar o campo da realização do indivíduo num movimento de descentramento, de movimento para o outro.

Vige certo romantismo espiritual, quer tradicional, quer atualmente de cunho ecológico, que pinta com belas cores éticas a vida rural e escurece a cidade como fonte de depravação moral. Sob o prisma de certa moralidade, especialmente de natureza sexual, a vida rural velava muito mais suas imoralidades. Talvez nem fossem menores. A cidade mostra às claras as chances e os desregramentos morais.

Contudo, a ética não se reduz ao campo da sexualidade desvelada. Na cidade, valores fundamentais da liberdade, da autonomia, do respeito às individualidades, do despertar da personalidade, da emancipação de peias tradicionais culturais, familiares, eclesiásticas, opressivas, da tradição rural, emergem com maior força, enquanto no campo eram obscurecidos.

J. Comblin relaciona o espírito da cidade com a aspiração a valores básicos da pessoa humana. "O modo de ser urbano torna-se universal

⁴⁴ Id., n. 256.

⁴⁵ Id., n. 257.

porque há nele valores universais e definitivos?". Por isso, ele refere-se a uma forma da "realização do Reino de Deus na cidade" precisamente pela condição que ela propicia para viver muitos valores típicos do Reino. Recorda como o Cristianismo se sentiu mais afinado com a vida urbana que rural.

Com efeito, o Cristianismo, entre todas as religiões mundiais, goza do duplo privilégio de ter uma mensagem altamente assimilável pela cidade e de ter acumulado experiências desde seus primórdios de contacto com ela.

A mensagem cristã apela diretamente à liberdade e carrega mais o peso sobre a decisão pessoal que sobre a acolhida de tradições religiosas do passado. O campo excede na função de seguir tradições religiosas, enquanto a cidade rompe com elas, mas abre espaço para a liberdade pessoal construir sua decisão religiosa. Além disso, a cidade permite mais facilmente que o cristão realize o dado fundamental da pregação evangélica que consiste no encontro com Deus no serviço e amor ao irmão mais necessitado.

Não se pode negar ao Cristianismo nem sua origem judaica com forte consciência de povo nem sua originalidade de apelo à consciência pessoal com a insistência na conversão. Pelo lado da dimensão pessoal, ele responde ao ethos urbano marcadamente individualizante. Os laços tradicionais rompem-se na cidade e as pessoas ficam entregues às suas liberdades e decisões. E o Cristianismo oferece a pessoa de Jesus Cristo em quem crer e a quem seguir.

Mais. Esta relação com Jesus Cristo e seu seguimento concretiza-se na perspectiva cristã, não primariamente no cumprimento de ritos e tradições religiosas, nem em serviços cúlticos, mas na prática da caridade fraterna, no serviço aos irmãos mais pobres e necessitados. Ora, na cidade pululam multidões de necessitados que questionam e testam as opções cristãs.

E o Cristianismo conserva de sua origem judaica um sentido de povo, de coletividade, de organização popular, de socialização dos bens. O modelo da comunidade primitiva de Jerusalém permaneceu sempre no horizonte utópico dos cristãos. Esse modelo é tão forte que não só alimentou formas de Vida Consagrada" como também, em nossos dias, ofereceu o tema para a Campanha da Praternidade". Ora,

⁴⁶ J. COMBLIN, *Viver na cidade. Pistas para a pastoral urbana*, São Paulo: Paulus, 1996, 15.

⁴⁷ J. M. TILLARD, *Diante de Deus e para os homens. Vida Religiosa, um projeto de vida*, São Paulo: Loyola, 1975, 20655.

⁴⁸ *Campanha da Fraternidade*, Fraternidade é Repartir: 1975.

só se superará a face de inumanidade da cidade através da solidariedade no espírito da comunidade dos Atos.

Os dois modelos fundamentais de sociedade, que vivemos nos últimos séculos, exprimem-se no triângulo em ordem decrescente de valor e domínio: Mercado, Estado e Sociedade Civil (modelo capitalista) e Estado, Mercado e Sociedade Civil (socialismo). Os dois falham radicalmente porque nem o Mercado como força decisiva central nem o Estado conseguiram responder às necessidades humanas de pão e beleza. Se o Mercado consegue gerar muita beleza, não coloca pão na mesa do pobre. Se o Estado consegue distribuir pão, não cuida da beleza",

A cidade moderna só sairá do dilema entre pão e beleza, para conjugar os dois, se colocar no seu centro a Sociedade Civil organizada em solidariedade. A mensagem cristã bate de cheio com tal proposta urbana e social.

O neoliberalismo, como expressão atualizada do capitalismo, e o tipo de desenvolvimento da microeletrônica e técnicas afins acrescentam o grave complicador social do desemprego estrutural e o aumento progressivo dos excluídos. O Mercado não tem a mínima sensibilidade para com os excluídos, já que não fazem parte dele, nem como produtores, nem como consumidores. O Estado no sistema capitalista também desinteressa-se deles, já que suas prioridades giram em torno do capital. Cabe então à Sociedade Civil o encargo de organizar-se solidariamente em vista de fazer frente ao desemprego, à exclusão. E no interior da Sociedade Civil, a Igreja ocupa, máxime num país massivamente católico como o Brasil, papel relevante. Na sua pastoral é chamada a incentivar a solidariedade".

A pastoral urbana vê-se às voltas com todo tipo de excluído, desenraizado, desempregado, com o agravante duma cultura marcada pelo individualismo. Só movimento oposto para criar uma verdadeira "cultura solidária" pode encontrar alguma resposta ao momento atual.

O exemplo de Paulo pode ajudar-nos. Ele defrontou-se com o mundo urbano de seu tempo. Encontrou as classes populares das cidades, feitas de desenraizados, que se desligavam de seus deuses da terra de origem e por isso mostravam-se abertos e ansiosos por uma religião que os acolhesse. A mensagem cristã, anunciada por Paulo, veio ao encontro dessas expectativas de acolhida".

⁴⁹ FREI BE'ITO, *Fome de pão e de beleza*, São Paulo: Siciliano, 1990, 260-265; 273-289,

⁵⁰ J. B. LIBANIO, *Vida Religiosa na crise da Modernidade brasileira*, Rio/São Paulo: CRBILoyola, 1995, 49-53.

⁵¹ J. COMBLIN, *Paulo: Trabalho e missão*, São Paulo: FTD, 1991, 39.

Conseguiu conjugar a difícil tensão de não permitir que o evangelizador fosse um empecilho para a evangelização, fazendo-se "tudo para todos" (1 Cor 9,22), de um lado, e, de outro, perdesse a identidade cristã, ao conformar-se ao mundo presente (Rm 12,2). Portanto, vestir ao máximo a roupa do tempo sem contudo desfigurar a originalidade do próprio corpo",

2. *Uma eclesiologia em construção*

A pastoral rural reflete uma Igreja estável, fixa, totalmente construída. A imagem física da matriz plantada no alto da praça dominando toda a cidade retrata tal concepção. A pequena cidade do interior vive sob o olhar soberano e vigilante da Igreja.

As estruturas pastorais participam dessa estabilidade multi-secular. A instituição da paróquia resume em si todas elas. Cada geração de pároco se sucede na repetição igual dos mesmos ritos, das mesmas exigências, das mesmas ofertas simbólicas, das mesmas expectativas.

Essa vivência prática configura a mentalidade, o imaginário eclesiológico do clero e dos fiéis. "Nada de novo sob o sol". A estabilidade canônica, outrora rigidamente intocável, ainda hoje sofre da dureza rural. Bispos e párocos podem continuar, durante décadas e décadas, firmes e imutáveis em seus postos, independentemente se respondem ou não às necessidades reais do povo.

A cidade introduz a experiência de mobilidade assustadora. Não precisa chegar ao extremo de percepção, como narra um sociólogo, daquele jovem americano. Ao sair de manhã para comprar leite num supermercado, erra, por distração, a rua e não encontra o edifício. Todo lampeiro volta para casa e diz inocentemente à mãe: Mudaram o supermercado! Para essa cabeça jovem aquele imenso edifício poderia desaparecer de um dia para o outro!

Compare-se com uma concepção de Igreja que não permite que se mude nem um iota subscrito. Numa cidade, tal eclesiologia e pastoral não dão conta da situação.

Teologicamente uma eclesiologia em construção implica mudança na compreensão da relação entre Jesus e sua Igreja, entre a Igreja e o Espírito Santo. Desloca-se do modelo linear vertical para o modelo concêntrico, como já observava L. Boff, em texto bastante antigo". O

⁵² N. SCHNEIDER, "Exerçam a cidadania de modo digno do evangelho de Cristo": O evangelho na cidade, in: O. BOBSIN(org.), *Desafios urbanos à Igreja. Estudos de casos*, São Leopoldo: Sinodal, 1995, 15.

⁵³ L. BOFF, *Eclesiogênese. As comunidades eclesiais de base reinventam a Igreja*, col. Cadernos de teologia e pastoral/6, Petrópolis: Vozes, 1977.

modelo linear põe no início de uma sucessão o Jesus histórico. Ele estabelece definitivamente as estruturas eclesiais que os apóstolos e seus sucessores devem conservar. O modelo concêntrico, coloca no centro a Cristo-Pneuma, presente na Igreja em todos os tempos, a animá-la, a suscitar-lhe a criatividade inventiva. Este Cristo congrega a comunidade, portadora do tríplice serviço de Cristo: testemunho, unidade e culto.

À medida que se modifica em profundidade essa concepção eclesiológica, atribuindo à presença do Cristo-Espírito maior relevância e assumindo mais seriamente a historicidade das instituições, o espaço para a criatividade se abre. Evidentemente trata-se de um mais e menos. Porque a Igreja sempre se defrontará com o binômio tradição e atualidade, identidade e novidade, conservação e mudança. Os extremos, facilmente identificáveis, aparecem claramente falsos. Mas quando se atravessa a zona da incerteza, da dúvida, das possibilidades ou interditos, definem-se a coragem profética, a capacidade de iniciativa, o enfrentamento do risco, de um lado, e, de outro, a segurança institucional, o instinto de conservação, o medo da novidade.

A pastoral rural permitia sem muitos problemas que o braço da balança se inclinasse para a conservação. A cidade, por sua vez, o faz pender para o extremo da novidade. E a instituição, que está no foco dessa insatisfação, é a paróquia. Simboliza a estabilidade rural no meio da cidade.

Só evidentemente a partir de uma concepção eclesiológico-pastoral de construção, de risco, de tentativa se conseguirá acompanhar o ritmo da cidade. Já existem tentativas de substituir os limites estritos paroquiais urbanos por espaços maleáveis de áreas geográficas pastorais mais amplas e por centros de interesse. Por esses caminhos parece abrir-se futuro melhor para a pastoral urbana.

3. Os espaços-interesse de vivência na cidade

Entra-se assim num ponto nodal da pastoral urbana. O deslocamento do espacial para os interesses. Não se trata de pensar modelos de cidade e como trabalhar para modificar aqueles que não respondem aos valores fundamentais que defendemos. Reflexão interessante e importante, realizada por J. Comblin, ao tipificar os três modelos: cidade funcional ou materialista, cidade: centro de poder, e cidade: centro de relações",

⁵⁴ J. COMBLIN, *Viver na cidade. Pistas para a pastoral urbana*, São Paulo: Paulus, 1996, 43-56.

Independentemente do modelo vigente de cidade, acentua-se a constante do deslocamento da relevância do lugar/espço para o lugar/ interesse na configuração das relações humanas. O lugar/espço continua importante como símbolo do status social. As pessoas arrotam o nome do próprio bairro de classe A para exprimir sua alta condição social enquanto outras sofrem por citar outro nome que re-vela sua situação de pobreza ou mesmo de miséria.

O lugar/espço entra no jogo das propagandas das empresas construtoras. O lugar/espço oferece maior ou menor segurança, maiores ou menores facilidades consumistas ou de diversão. O lugar/espço defende mais ou menos as pessoas da invasão da presença das outras pessoas. Escolhe-se, muitas vezes, o lugar/espço precisamente para evitar as relações humanas, para "buscar tranquilidade" e evitar interferência de vizinhos. Nesse sentido, o lugar/espço caracteriza-se pela não-relação.

Com isso, o mundo das relações deixa o lugar/espço e desloca-se para o lugar/interesse, as escolhas, as decisões. As atividades humanas plurais e diversificadas da cidade espalham-se pela geografia extensa da cidade. Em diversos lugares, tecem-se as relações que se multiplicam ao infinito conforme a gama de interesses se amplia.

O futuro da pastoral urbana encontra-se, quer em ter presença em muitos desses centros de interesses, quer em criar, ela mesma, outros, não se deixando prender nas malhas das estruturas espaciais da paróquia. As infinitas possibilidades esbarram com os limites de nossa imaginação inventiva. E esses centros podem ter o tamanho de uma comunidade, de uma paróquia, de um conjunto de paróquias, da diocese e de distâncias maiores. Há grupos regulares de oração-reflexão ou de estudo de pessoas que vêm de cidades diferentes em torno de um pólo-pessoa, pólo-atividade, pólo-tema.

A experiência da "Universidade mútua" de São Paulo, com ramificações em várias cidades do país, funciona em torno do pólo troca-de-saber e pode servir de modelo, *mutatis mutandis*, para a pastoral urbana em outros pólos".

No fundo, entra em questão uma mudança de paradigma pastoral. O paradigma lugar/espço orienta-se precipuamente às pessoas que circulam em torno da igreja, isto é, os fiéis. O paradigma interesse dirige-se às pessoas que se reúnem pelas mais diversas razões, quer já

^{ss} UNIVERSIDADEMÚTUA, *Boletim 1: Redes de Troca de saber e formação recíproca*, São Paulo: Casa da Universidade Mútua, 1993; endereço de acesso: Rede de Pinheiros: Rua Simão Álvares, 135/63 05.417-030 SÃO PAULO; fax: 011/853.3861; tl. 011/814.4363 (ale M. Alice Sette).

integradas ao esquema eclesial, quer alheias a ele. Nesse sentido, responde mais à natureza missionária da Igreja.

À medida que o interesse religioso cresce no mundo, a pastoral deverá enfrentar cada vez mais a delicada questão do diálogo inter-religioso, seja nas formas afro-ameríndias, seja de origem oriental. A cidade, como lugar da liberdade e do pluralismo, estende gigantesco cenário de expressões religiosas tradicionais, modernas, convencionais e exóticas. A pastoral urbana vinculada ao lugar/espaco nunca terá condições de responder a tal surto religioso, que supõe outro tipo de contacto⁵⁶.

4. Das estruturas para a rede

Semelhantemente a esse feixe de interrogações, a cidade moderna, cada dia mais envolvida pela onda da informática, inicia processo novo de desmonte das estruturas agigantadas que ela mesma, num momento anterior, construíra. Fenômeno novo cujo alcance ainda nos escapa. As monstruosas plantas industriais mantêm a sua fisicidade externa enquanto, ao mesmo tempo, reduzem o pessoal de trabalho. Com isso, provoca o deslocamento das pessoas dessas regiões superindustrializadas para outros lugares.

Os desempregados da indústria tendem a crescer. O programa de reciclagem e novos treinamentos substituem as tradicionais contratações a cada momento de expansão industrial. Podem aumentar os investimentos, mas os postos de trabalho não acompanham ou mesmo diminuem à medida que a injeção de capital aperfeiçoa o sistema produtivo com menor ocupação de mão-de-obra.

Em lugar dessas estruturas pesadas, tanto no mundo industrial, quanto do serviço, vem-se criando malha intrincada de núcleos interligados pelas infovias. Estatísticas acusam que nos Estados Unidos já trabalham em casa, full ou part-time, 30 milhões de pessoas, que se comunicam com seus postos de trabalho pela via da informática. Em casos mais sofisticados, as firmas já contratam funcionários em outros países e ligam-se a eles por telecomunicação, aproveitando, quer da diferença de fuso horário, quer de plataforma salarial mais baixa. As tarefas vão e voltam pelas infovias.

Já não se pode pensar uma pastoral urbana, desconhecendo esse mundo das redes de comunicação, da informática, da telemática. Abrem-se possibilidades pastorais inimagináveis, já não mais restritas ao acanhado território paroquial, mas que rompem as barreiras espa-

⁵⁶ F. TEIXEIRA, *Teologia das Religiões*, São Paulo: Paulinas, 1995.

ciais nas asas desse novo mundo das comunicações. As grandes cidades apresentam-se como laboratório excelente de novas experiências nesse campo.

Em termos concretos, a pastoral urbana pedirá cada vez mais pequenas comunidades de vivência da fé, articuladas entre si⁵⁷ e com a grande Igreja. O jogo entre o macro e o micro se fará pelo cultivo de comunidades menores e sua articulação com a comunidade maior paroquial, diocesana, continental e mundial. A comunidade maior garante a necessária identidade católica. A comunidade menor propicia a vitalidade espiritual na vivência da fé, da caridade, dos sacramentos. Através da Internet qualquer católico pode ampliar seu horizonte eclesial, comunicando-se com o Vaticano, com outras igrejas e organizações católicas do mundo inteiro. O sentido de catolicidade mantém-se mais do que nunca vivo. Mas para sua vivência pessoal de fé, a pequena comunidade oferece o húmus necessário⁵⁸,

Conclusão: trabalhar as novas formas da subjetividade

As tarefas de uma pastoral urbana estende-se ao infinito. O espaço de um artigo obrigou-nos selecionar, com o risco de ter deixado algo de importante de fora e talvez de ter insistido em pontos menos relevantes. Arriscamos a escolha dos pontos já mencionados. E à guisa de conclusão, vale a pena insistir na necessidade da pastoral urbana trabalhar as dimensões da subjetividade.

A CNBB nas Diretrizes Gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil de 1991-1994 dedicou no capítulo sobre as mudanças na sociedade e os desafios à evangelização todo um parágrafo ao individualismo e à emergência da subjetividade?'

Nesse item, salientou os traços da subjetividade moderna: O desejo de autonomia, de felicidade, de realização, Pessoal, de esperança num futuro melhor, de busca de consumismo. E um jogo ambíguo de valores e contra-valores misturados num movimento crescente.

⁵⁷ L. A. GÓMEZDESOUZA, Centralização ou pluralidade. O caminho criativo das CEBs, *Mutações Sociais* 1 (1992, I, Rio) 5-11- Revista do CEDAC: Centro de Ação Comunitária.

⁵⁸ J. B. LIBANIO, Rede de comunicação: Construindo relações mais humanas, *Jornal de Opinião*, 25-31 de julho de 1994, n. 269, 9.

⁵⁹ DOCUMENTOS DACNBB, *Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil*, n. 45, São Paulo: Paulinas, 1991, 59-64.

Mas fica claro na sociedade moderna e urbana que o acesso às pessoas passa, de certo modo, pela **mediação da subjetividade**, pela ótica da experiência existencial, pela busca da satisfação prazerosa. Dificilmente um discurso filosófico, frio, objetivista atinge. E para elaborar-se um discurso existencial necessita-se de proximidade com as pessoas às quais ele é destinado. Isso implica por parte dos dirigentes eclesiais saída de seus castelos e aproximação maior possível da vida cotidiana dos fiéis. Só desse contato elaboram-se discursos, descobrem-se práticas, organizam-se pastorais adequadas às necessidades existenciais das pessoas.

Enfim, o novo rosto da Igreja na cidade está a exigir proximidade e acolhida às pessoas" para que elas sintam o calor humano e saiam da frieza anônima da megalópole. Mas faz-se mister também que a Igreja rompa a pequenez dos espaços paroquiais, se estenda pelos diversos centros urbanos de interesse e rasgue todas as distâncias pelas infovias. Só dessa maneira ela conseguirá articular o **miero do acolhimento** pessoal com o **macro da onipresença mediática**. A pastoral não deve deixar-se prender por nenhuma distância geográfica ou de interesse, por maior que seja, mas deve caber na pequenez do tête-à-tête com algum solitário ou carente de calor aconchegante.

Endereço do Autor:
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127
31720-300Belo Horizonte - MG

⁶⁰ O Projeto Pastoral Construir a Esperança (PPCE) da Arquidiocese de Belo Horizonte dentro do processo de repensar a paróquia vem insistindo no "Ministério da Acolhida" como uma das respostas à subjetividade no mundo urbano: *Informativo do PPCE* n. 26 (agosto de 1993); *Informativo do PPCE* n. 33 (maio de 1994).